

PERSUASÃO, MODALIDADE E PODER: UMA ANÁLISE DA MODALIDADE NO MANIFESTO ELEITORAL DO BLOCO DE ESQUERDA “A FORÇA QUE FAZ A DIFERENÇA” (2019)

Ana Sofia Souto¹

ana.sofia.souto@gmail.com

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA (PORTUGAL)

RESUMO. O presente artigo foca-se no manifesto eleitoral do partido político português Bloco de Esquerda às eleições europeias de 2019 – “A força que faz a diferença”. Mais concretamente, apresenta e caracteriza as formas modais presentes no manifesto eleitoral em estudo, baseando-se na proposta de modalidade de Maria Henriqueta Costa Campos (2001).

PALAVRAS-CHAVE. Análise Crítica do Discurso, Manifesto Eleitoral, Modalidade, Poder.

ABSTRACT. This article focuses on the election manifesto of the Portuguese political party Bloco de Esquerda for the 2019 European elections - "A força que faz a diferença". More specifically, it presents and characterises the modal forms present in the election manifesto under study, based on Maria Henriqueta Costa Campos' (2001) proposal on modality.

KEYWORDS. Critical Discourse Analysis, Electoral Manifesto, Modality, Power.

1. Introdução

O foco do presente artigo é o manifesto eleitoral do partido político português Bloco de Esquerda às eleições europeias de 2019 – “A força que faz a diferença”. Depois de uma leitura atenta e de um levantamento exaustivo das formas linguísticas presentes no manifesto eleitoral em questão, verificou-se que nele as formas modais ocupam um papel fundamental. Tendo isto em consideração, o presente trabalho apresenta e caracteriza algumas das formas modais presentes no manifesto eleitoral em estudo, baseando-se na proposta de modalidade de Maria Henriqueta Costa Campos (2001).

¹ Estudante do 3.º ano do Doutoramento em Linguística.

Este trabalho faz parte de uma investigação de doutoramento, ainda em curso, dedicada ao estudo do género do discurso “manifesto” em Portugal e financiada pela FCT².

As questões orientadoras do trabalho são: Quais as formas modais presentes no texto? Com que objetivo(s) se recorre à modalidade na sua escrita? Que papel ocupa a modalidade na construção da identidade do género de texto “manifesto eleitoral”?

De modo a permitir uma reflexão sobre a relação entre o género de texto “manifesto eleitoral” e a “expressão de poder”, a análise vai igualmente focar-se nas seguintes questões:

- Em que medida o uso de formas modais contribui para marcar uma determinada posição de poder? Quem são os envolvidos na luta por esse poder? Que poder é esse e como pode o mesmo ser definido e caracterizado? Qual a relação entre “modalidade” e “expressão de poder”?

Antes de iniciar a análise propriamente dita, far-se-á uma breve apresentação da proposta de Maria Henriqueta Costa Campos quanto à modalidade.

No presente trabalho privilegia-se o Quadro Teórico-Metodológico da Análise Crítica do Discurso (doravante ACD). Não sendo nosso objetivo fazer uma apresentação da ACD, vão ser referidos apenas os aspetos de maior relevância tendo em conta o enquadramento do manifesto eleitoral em estudo e os objetivos da análise.

A ACD distingue entre os conceitos de “texto”, “discurso” e “género” (de texto). Engel & Wodak (2013: 78) mencionam que um discurso implica padrões e aspetos estruturais comuns, enquanto um texto é uma ocorrência específica e única de um discurso. Por seu lado, os textos pertencem a géneros específicos. No presente trabalho, considera-se que o texto em análise pertence ao discurso político (em particular ao discurso político eleitoral), podendo ser enquadrado no género de texto “manifesto eleitoral”.

De acordo com a investigação realizada até à data e após a observação detalhada do texto em estudo, conclui-se que um manifesto eleitoral é um documento que pretende apresentar as linhas de atuação de um partido, bem como convencer o maior número de eleitores recenseados a votar no partido em questão. No manifesto eleitoral em estudo não existem referências ao(s) autor(es), o que significa que o partido Bloco de Esquerda, como entidade política – e sem querer designar a(s) pessoa(s) responsáveis pela escrita do manifesto eleitoral -, assume a responsabilidade do que nele é dito, sendo a instância de produção do manifesto.

² Bolsa da FCT com a referência [2021.04523.BD](#).

A noção de “poder” é uma das noções centrais da ACD, na medida em que se preocupa em analisar a linguagem daqueles que estão em posições de poder e são, muitas vezes, responsáveis por perpetuar a existência de desigualdades. Compreender de que modo é esse poder negociado, estabelecido e legitimado através da linguagem pelos que estão em posição hegemónica é uma das preocupações fundamentais da área.

Importaria aqui esclarecer o que entende a ACD por “poder”. Van Dijk (2005: 22) relaciona a noção de “poder” com a de “controlo”. Um determinado grupo, instituição ou partido teria tanto mais poder quanto mais controlasse os atos e as mentes de outros grupos. Esse poder varia na sua forma (poder físico, persuasivo, baseado no conhecimento, informação ou autoridade, entre outros) e na sua dimensão (capaz de controlar com maior ou menor sucesso). Ademais, esse poder pode ser aceite e mesmo visto como “natural” pelos grupos dominados, pode ser consentido e legitimado, ou, pelo contrário, questionado, com maior ou menor fôlego, e de modo mais ou menos explícito.

Wodak, na obra de Wodak & Meyer (2001: 11), considera que a linguagem está intimamente interligada com o poder, na medida em que esta exprime poder e pode contribuir para desafiá-lo e subvertê-lo. Para além disto, Wodak (2001: 11) defende que: “Power is signalled not only by grammatical forms within a text, but also by a person's control of a social occasion by means of the genre of a text. It is often exactly within the genres associated with given social occasions that power is exercised or challenged”. Wodak acredita, por isso, que não só algumas formas gramaticais dentro do texto assinalam o poder (apesar de não especificar nesta ocasião que formas são essas) mas também a própria escolha do género de texto é determinante para ações de controlo ou desafio ao poder. Sobre esta proposta haveria certamente muito a dizer. É pertinente considerar o género de texto “manifesto eleitoral” como um dos géneros em que a vontade de desafiar o poder hegemónico está presente.

2. Análise do Manifesto Eleitoral em Estudo

Antes de iniciar a análise propriamente dita, convém fazer uma breve apresentação da proposta de Maria Henriqueta Costa Campos quanto à modalidade. Os seus estudos enquadram-se teoricamente nas investigações de Antoine Culioli sobre a enunciação, em particular no seu modelo de funcionamento da linguagem. Neste modelo, as operações de modalização ocupam um lugar definido, ou seja, fazem parte do enunciado. Para Campos (2001: 169),

A modalidade é, portanto, uma categoria que caracteriza todo e qualquer enunciado, e a análise dos valores modais deverá incidir sobre conceitos que, naquelas definições, correspondem a ‘representação’, ‘aquilo que diz’, ‘reagir’, ‘juízo’, ‘atitude’, e, mais especificamente, ‘constatar’, ‘apreciar’, ‘desejar’.

Campos (2001) considera que existem três domínios da modalidade, a saber:

- (i) **A modalidade epistémica**, que consiste no grau de *conhecimento* do sujeito enunciator em relação ao estado de coisas construído linguisticamente. Pode ser ilustrada através das frases abaixo³:

- a) A Ana *está* sentada;
- b) A Ana *não está* sentada;
- c) O João *disse* que a Ana *está* sentada;
- d) A Ana *deve* ter ido ao cinema;
- e) A Ana *pode* ter ido ao cinema;
- f) A Ana *talvez* tenha ido ao cinema.

Através da modalidade epistémica, constroem-se enunciados com valor de asserção estrita positiva, estrita negativa, nula, ou mesmo diferentes graus intermédios.

- (ii) **A modalidade apreciativa**, que tem que ver com o modo *como se reage* a um determinado facto ou acontecimento:

- a) *Infelizmente*, a Ana não vem connosco à festa;
- b) *Felizmente*, a Ana não vem connosco à festa;
- c) Como Florença é bonita!
- d) Que dia tão feio!

- (iii) **A modalidade intersujeitos**, a qual corresponde a uma relação interagentiva na qual o sujeito da enunciação *age* sobre o sujeito do enunciado com o objetivo de que este se torne agente de uma situação dinâmica. O sujeito da enunciação assume-se como origem deontica da permissão ou obrigação.

Este tipo de modalidade é normalmente expresso através do modo imperativo e da *modalidade deontica* expressa pelos verbos modais ‘dever’ e ‘poder’:

- a) O João *pode* faltar ao exame;
- b) O João *deve* faltar ao exame;
- c) João, falta ao exame!

³ As frases apresentadas foram adaptadas de Campos (2001).

Os três tipos de modalidades referidos acima estão relacionados. A modalidade epistémica combina-se com os outros tipos de modalidade, dando origem a valores complexos. Uma classificação de valores modais deverá, por isso, segundo Campos, ser sempre cruzada.

Como nota metodológica convém mencionar que, por questões de espaço, ilustram-se apenas alguns dos valores encontrados.

No manifesto eleitoral em análise estão presentes as três modalidades propostas por Campos. O primeiro tipo de modalidade que vai ser considerado é a modalidade epistémica. Considerem-se os exemplos abaixo (itálico nosso):

- (1) Em matéria de política comercial da UE, os últimos anos *ficaram marcados* pelas negociações e conclusão, em vários casos, de Tratados de Livre Comércio, dos quais o TTIP, o TiSA o CETA e o JEFTA *serão talvez* as siglas mais conhecidas (p. 11).

No exemplo (1), o Bloco de Esquerda apresenta o estado da questão relativo à política comercial da União Europeia. Estão presentes dois valores distintos – um valor de asserção estrita positiva: “os últimos anos *ficaram marcados* pelas negociações (...)” - marcado pelo uso do pretérito perfeito do indicativo, e um valor de asserção não estrita negativa, marcado pelo verbo “ser” no futuro do indicativo modalizado por “talvez” - “dos quais o TTIP, o TiSA (...) *serão talvez* as siglas mais conhecidas.”

- (2) A política agrícola da UE *tem promovido* a destruição da pequena agricultura e *contribuído* em larga escala para um modelo de sobreexploração, extrativista, de exportações e produção em massa a qualquer preço. Desde o início da PAC, nos finais dos anos 50, até à atualidade, *terão desaparecido* milhões de explorações agrícolas e florestais e o emprego caiu *drasticamente* neste setor, em toda a Europa (p. 13).

De igual modo, no exemplo (2), no qual se critica a política agrícola comum (PAC), acusando-a de destruir a pequena agricultura, a modalidade epistémica tem dois valores distintos. No primeiro caso - “A política agrícola da UE *tem promovido* a destruição da pequena agricultura e *contribuído* em larga escala para um modelo de sobreexploração (...)” – o uso do pretérito perfeito do indicativo cria um valor de asserção estrita positiva. No segundo caso - “Desde o início da PAC, nos finais dos anos 50, até à atualidade, *terão desaparecido* milhões de explorações agrícolas (...)” – o uso do futuro composto cria um valor de asserção negativa.

- (3) A lição grega é simples: quem destruir um país em troca de apoio europeu, conseguirá apenas destruir o país. Quem queira defender o emprego, o Estado social, o desenvolvimento económico e a própria democracia, *não pode* aceitar a chantagem da dívida e *deve*, por isso, *defender* de forma intransigente os direitos que dão corpo à democracia (p. 16).

No exemplo (3), a modalidade epistémica surge conjugada com a modalidade intersujeitos. O Bloco de Esquerda recorre ao exemplo grego, caracterizado como “simples”, no sentido de “claro” ou “facilmente compreensível”, para demonstrar que não se pode sacrificar o próprio país em troca de apoio europeu. Pelo contrário, assume como necessário resistir à pressão europeia em relação à dívida (vista como uma “chantagem”). Para demonstrar essa necessidade, recorre à forma [não poder] / {neg poder}, para expressar o quão vital e necessário é reagir contra essa mesma pressão. Por outro lado, recorre à forma [dever defender] para indicar uma linha de ação alternativa que tenha em conta os direitos e valores democráticos.

A análise permite compreender que, no manifesto eleitoral em estudo, a modalidade epistémica é fundamentalmente empregada para dar conta do estado da situação da União Europeia em relação às suas várias políticas (económica, agrícola, entre outras) e atuações. No manifesto eleitoral em estudo, apresentam-se, de forma muito consciente e premeditada, aspetos considerados negativos, para os criticar e mostrar a oposição do Bloco de Esquerda em relação aos mesmos. O propósito do manifesto eleitoral em estudo não é, de facto, elogiar, mas sim denunciar e revelar situações menos felizes, de modo a convencer os eleitores de que uma alternativa é necessária.

Apresentam-se agora exemplos da modalidade apreciativa, que pode, no manifesto eleitoral em estudo, ser encontrada no uso de formas como:

- a) Expressões com valor apreciativo (nomeadamente, “como se isto não bastasse”);
- b) Advérbios de modo (como “infelizmente”).

Vejam-se os exemplos abaixo, juntamente com a respetiva análise:

- (4) As medidas adotadas por unanimidade dos Estados-membros e avalizadas pelas instituições comunitárias, como a criação de centros de “internamento” para os refugiados ou o famigerado acordo com a Turquia para bloqueio dos fluxos vindos da Síria e da África Oriental, mostram o que é a chamada crise dos refugiados: a quem procura a Europa tudo é negado, incluindo o próprio estatuto de refugiado. Não é permitido sequer o reagrupamento familiar e os critérios de Dublin continuam a vigorar, pondo em causa qualquer possibilidade de uma resposta solidária.

Como se isto não bastasse, normaliza-se também a criminalização das ONG que tentam salvar migrantes da morte no Mediterrâneo, onde já perderam a vida 17 mil pessoas em pouco mais de cinco anos. A prática da União Europeia face à imensa crise humanitária que ela própria alimenta é de uma desumanidade que está no avesso do seu discurso cheio de “valores humanistas” e de “direitos humanos” (p. 9).

Na passagem acima, referente à crise dos refugiados, o Bloco de Esquerda avalia muito negativamente o papel da União Europeia. Em primeiro lugar, critica o acordo feito com a Turquia, dando a entender que este é muito pobre e insuficiente através do uso do adjetivo “famigerado”. No segundo parágrafo, continua a desenvolver a sua crítica - assegurando que aquilo que foi dito no primeiro parágrafo seria mais do que suficiente para ilustrar a sua posição, recorrendo à expressão com valor apreciativo “Como se isto não bastasse” – admoestando a ação da União Europeia em relação à crise dos refugiados e acusando-a de práticas desumanas através do uso do nome “desumanidade”.

(5) *Infelizmente*, o Partido Socialista parece não acompanhar aquele que seria o cenário mais realista para resolver o problema da desigualdade na Europa e permitir o investimento em Portugal (p. 16).

No exemplo (5), acima, o Bloco de Esquerda refere-se diretamente ao Partido Socialista, um dos partidos que mais força têm no Parlamento Europeu (e, logo, que mais concorrência fazem ao Bloco de Esquerda), chamando a atenção para a insuficiência das suas políticas e o seu posicionamento crítico em relação às mesmas, utilizando o advérbio “Infelizmente”.

A análise permite constatar que, no manifesto eleitoral em estudo, a modalidade apreciativa é essencialmente utilizada para apreciar negativamente as políticas postas em prática pela União Europeia através dos partidos mais representados no Parlamento Europeu. Essa apreciação negativa contribui desde logo para convencer o leitor de que uma alternativa - de esquerda, já que os partidos de centro e de direita, na visão do Bloco de Esquerda, são causadores de problemas - é urgente e que essa alternativa só pode surgir se os decisores políticos se alterarem. Para que isso ocorra, são necessários os votos dos eleitores. Logo, a modalidade apreciativa é utilizada como estratégia de convencimento.

Finalmente, considera-se a modalidade intersujeitos. A mesma surge através da presença recorrente dos verbos “dever”, “ter de”, “precisar”, “pretender”, “defender” e as formas [não poder] / {neg poder}, [ser necessário] e [ser preciso].

Considerem-se os exemplos abaixo:

- (6) Uma UE marcada por desequilíbrios macroeconómicos sistemáticos *tem de ter* mecanismos de compensação, sejam transferências diretas, financiamento solidário de serviços públicos ou investimento para a convergência económica (p. 8).
- (7) Erradicar a violência contra as mulheres e a violência doméstica *tem de ser* uma prioridade que saia do papel e chegue à vida concreta das pessoas (p. 12).

O Bloco de Esquerda recorre a “ter de” no presente do indicativo para convencer os eleitores de que algo é extremamente necessário - o que é sugerido ainda não existe, mas é crucial que exista. Se os eleitores votarem no Bloco de Esquerda, há uma grande probabilidade de que passe a existir. Se não votarem, situações injustas e inconvenientes vão continuar. É, por isso, fulcral que os eleitores votem no Bloco de Esquerda. Nas frases dos exemplos (6) e (7), “ter de” indica que aquilo que o Bloco de Esquerda propõe não é uma escolha ou uma sugestão, mas sim uma necessidade absoluta, apelando à ação com vista à mudança do estado da situação. “Ter de” é escolhido em detrimento de “dever” porque exprime um valor deontico mais forte.

O verbo modal “dever” com valor deontico surge com especial força no manifesto eleitoral em estudo. Vejam-se, a título de exemplo, as passagens abaixo:

- (8) Todas as políticas europeias *devem* respeitar o princípio da autodeterminação dos Estados-membros, ou seja, o seu direito a definir as políticas mais adequadas ao seu desenvolvimento económico e social, em função da vontade dos seus cidadãos (p. 8).
- (9) Na realidade, o desafio ambiental *deve* ser encarado como o centro de uma estratégia para a criação de emprego de qualidade, indústrias inovadoras e melhoria da qualidade de vida.
Para isso, *deve* ser recusada qualquer austeridade verde, (...) (p. 9).
- (10) O Bloco de Esquerda defende que a Europa e os Estados Unidos *devem* partilhar os recursos financeiros e a tecnologia para apoiar a transição energética e social de países em vias de desenvolvimento. (...) As políticas públicas de combate a este flagelo *devem* ser harmonizadas e dotadas do financiamento que permita a sua efetiva concretização (p. 12).
- (11) A PAC *deve* centrar-se na conciliação da produção agrícola e florestal com a preservação ambiental, tendo em atenção a diversidade dos territórios, a soberania alimentar e uma economia com uma escala humana, o direito à saúde e à justiça social (p. 13).

O verbo modal “dever”, conforme surge no presente do indicativo nas frases acima, tem um valor de recomendação forte. Este verbo é utilizado para ilustrar que não são necessidades absolutas (como as apresentadas nas frases em que se recorre a “ter de”), mas, ainda assim, de necessidades que merecem ser tomadas em consideração.

- (12) O Bloco de Esquerda sempre defendeu que o mandato do BCE *deveria prever* o pleno emprego como objetivo prioritário. Se o BCE controla um instrumento de política económica tão determinante como a política monetária, *deveria ser* responsabilizado pelas consequências económicas das suas decisões, o que implicaria retirar-lhe o estatuto de independência (p. 8).

O verbo modal “dever” apresenta uma variação, no exemplo (12) acima: surge no condicional, tendo um valor de sugestão ou recomendação com valor menos acentuado do que nos exemplos (8) a (11).

- (13) Casos como o da ex-Comissária Georgieva, que preparou a sua candidatura para a ONU durante o exercício das suas funções na Comissão Europeia, do ex-Presidente da Comissão Europeia, Durão Barroso, que após 18 meses foi oficialmente contratado pelo Goldman-Sachs, ou do Comissário Cañete, vindo do lobby do petróleo para a pasta do clima e da energia, são bons exemplos do que *é preciso evitar*, do quanto há para fazer em termos de transparência e de ética (p. 15).

No exemplo (13), o Bloco de Esquerda recorre à construção [é preciso evitar] de modo a, por um lado, mostrar o seu posicionamento quanto ao estado, a seu ver muito negativo, da corrupção e compadrio político na União Europeia e, por outro, demonstrar que os mesmos têm de se evitados.

- (14) *É necessário* construir paisagens alimentares heterogêneas que *sejam* integradoras dos produtores e consumidores numa relação de proximidade e democracia (p. 19).

De modo semelhante ao que ocorre no exemplo (13), e com o objetivo de mostrar que algo é fundamental, no exemplo (14), acima, o Bloco de Esquerda recorre a [ser necessário].

Outra das formas utilizadas para exprimir necessidade é o verbo “precisar” presente nas frases do exemplo (15) abaixo.

- (15) A Europa *precisa* de um acordo de mínimos laborais (p. 10).
Este é um tema que *precisa* de uma atenção constante, para que as tentativas da Comissão Europeia não se venham a tornar realidade num futuro programa-quadro (p. 10).

Finalmente, tal como ilustrado nos exemplos (16) a (18), abaixo, o Bloco de Esquerda recorre à utilização de [não poder] / {neg poder} no presente do indicativo para expressar a imprescindibilidade de suspender uma dada situação. O Bloco de Esquerda não aprova aquilo que as políticas europeias até à data têm permitido. Aliás, o manifesto eleitoral tem um tom cabalmente crítico, ou não fosse um dos seus objetivos a demarcação e a proposta de alternativas. Recorde-se o título do manifesto – “A força que faz a diferença”. O Bloco de Esquerda considera-se uma força que, ao fazer de modo diferente, consegue fazer a diferença e alterar o atual contexto.

- (16) Os reformados e seniores constituem uma parte significativa dos pobres em Portugal. É urgente reativar os programas que se destinem a combater a pobreza, mas é igualmente importante aceitar que a qualidade de vida *não pode* desaparecer apenas porque as pessoas entram numa fase diferente da vida, já reformados e mais idosos. Uns e outros *não podem* ser encarados como um peso e, como tal, marginalizados. (...) O envelhecimento *não pode* ser um massacre e *não pode* ser vivido em sofrimento. Contra esse fatalismo, o Bloco contrapõe o enriquecimento da cidadania: uma nova geração de serviços públicos para uma população que vai continuar a crescer (pp. 12-13).
- (17) A Europa *não pode* continuar no caminho dos acordos de livre comércio e *não pode* continuar a substituir políticas públicas pela promoção de regimes privados de seguros agrícolas. O Bloco continua a batalhar para que a PAC cumpra os objetivos de bem comum e seja um instrumento coerente e muito presente na luta contra as alterações climáticas (p. 13).
- (18) A UE *não pode* continuar a servir de veículo para a regressão das políticas culturais. Por isso, o Bloco defende uma alteração estrutural da aplicação das políticas europeias, apostando na re-funcionalização pública do património, dos museus e monumentos; na reconstrução de serviços públicos que garantam pluralidade de oferta cultural no território; na aposta da mediação para as literacias e na aposta da internacionalização dentro e fora da Europa (p. 14).

A análise, ainda que breve, permite concluir que a modalidade é uma categoria linguística fundamental do manifesto eleitoral em estudo. Este apresenta as grandes linhas de atuação do partido Bloco de Esquerda no caso de este vir a ter um papel relevante no Parlamento Europeu, ao mesmo tempo que apresenta, de maneira crítica, a situação atual e as políticas instituídas por partidos centristas, a que se opõe.

O Bloco de Esquerda deseja um poder superior àquele que tem, que é detido pelos partidos centristas e de direita. Para obter esse poder, o Bloco de Esquerda tem de convencer o maior número possível de eleitores (inclusive, os eleitores que poderiam votar no Partido Socialista, que ocupa uma forte posição no Parlamento Europeu) a votarem nele nas eleições

em questão. O objetivo do manifesto eleitoral seria, então, apresentar o programa eleitoral do Bloco de Esquerda, bem como convencer o maior número possível de eleitores a manifestarem o seu apoio em relação a esse mesmo programa, através do seu voto.

No manifesto eleitoral em estudo, as formas modais são uma ferramenta linguística muito útil para marcar uma determinada posição de poder. Os principais objetivos com que as formas modais são nele utilizadas são: apresentar as ideias, opiniões e propostas do partido; opor-se às políticas adotadas pelos partidos hegemónicos no Parlamento Europeu; convencer os eleitores de que o Bloco de Esquerda é uma opção não só viável, mas necessária para, tal como o próprio título do manifesto eleitoral indica, “fazer a diferença”.

3. Conclusões e Trabalho Futuro

No presente trabalho apresentaram-se e caracterizaram-se algumas das formas modais presentes no manifesto eleitoral “A força que faz a diferença” do partido Bloco de Esquerda, a partir da proposta de Maria Henriqueta Costa Campos sobre a modalidade.

Conclui-se que o uso de formas modais é fundamental para o manifesto eleitoral analisado e contribui fortemente para o seu propósito persuasivo.

Para melhor se poder estudar o funcionamento desta categoria no género de texto em questão, é pertinente, em trabalhos futuros, alargar o corpus de estudo a mais manifestos eleitorais.

Por quanto foi dito, pensado e discutido, considera-se que o presente trabalho não é mais do que um ponto inicial de um projeto maior com grande potencial de análise.

Referências

- Campos, M. H. C. 2001. Gramática e construção da significação. In *A Linguística na Formação do Professor de Português* (163-174). Porto: Centro de Linguística da Universidade do Porto.
- Culioli, A. 1990. *Pour une linguistique de l'énonciation. Opérations et représentations*. Tome 1. Paris: Ophrys.
- _____. 1999. *Pour une linguistique de l'énonciation. Formalisation et opération de repérage*. Tome 2. Paris: Ophrys.
- Engel, J.; Wodak, R. 2013. "Calculated Ambivalence" and Holocaust Denial in Austria. In *Analysing Fascist Discourse: European Fascism in Talk and Text* (73-96). London: Routledge.

- Van Dijk, T. 2005. *Discurso, Notícia e Ideologia: Estudos na Análise Crítica do Discurso*. Porto: Campo das Letras.
- Wodak, R.; Meyer, M. 2001. *Methods of critical discourse analysis*. London: Sage.

Corpus

Partido Bloco de Esquerda. 2019. Manifesto Eleitoral do Bloco de Esquerda: “A força que faz a diferença”. <https://www.bloco.org/documentos/manifestos-eleitorais.html>, acessado em 15.07.2024.